

EDUCAR AO HUMANISMO SOLIDÁRIO: COMPREENDENDO OS FUNDAMENTOS PARA UMA "OUTRA" PRÁXIS DOCENTE

*Teodoro Adriano Costa Zanardi*¹

 <https://orcid.org/0000-0003-4742-9288>

*Damaris Araújo Brito*²

 <https://orcid.org/0009-0001-3136-729X>

*Taiara Morais*³

 <https://orcid.org/0009-0007-8963-6759>

*Edson da Silva Pereira*⁴

 <https://orcid.org/0009-0005-0883-0548>

Resumo: O Pacto Educativo Global traz novos fundamentos para a Educação com uma proposta de Novo Humanismo. Indagar sobre essa nova perspectiva, suas bases, concepções e justificativas é relevante na busca por uma formação articulada com a ecologia integral. O "Educar ao Humanismo Solidário" se propõe a desvelar as promessas não cumpridas pelo sistema econômico vigente e suas implicações para o meio ambiente, no qual a vida humana está inserida. Assim, esta pesquisa teve como objetivo investigar uma práxis educativa humanista a partir do Pacto Educativo Global e de seus conceitos fundamentais. Para tanto, recorreremos a uma abordagem qualitativa, utilizando a pesquisa documental com análise de discursos, homilias, exortações e encíclicas produzidas pelo Papa Francisco de 2013 a 2023, ou seja, nos dez primeiros anos de seu papado. A compreensão da práxis, no contexto educacional, tradicionalmente, implica em uma abordagem que integra teoria e prática, reflexão e ação, visando a formação de indivíduos conscientes e críticos. Com o Papa Francisco, identificamos uma práxis que, além da reflexão (mente) e ação (mãos), insere o sentimento, o amor (coração) como tripé de uma Educação Humanista.

Palavras-chave: Pacto educativo global; Educação humanista; Práxis educativa.



¹Doutor em Educação (Currículo) pela PUC São Paulo (2009). Professor Adjunto IV do Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: zanardi@pucminas.br

²Graduada em Administração pela Unitins - EADUCON. Estudante do Curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais E-mail: dadamaluca@hotmail.com

³Estudante de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de Minas. E-mail: taiara.morais@sga.pucminas.br

⁴Doutorando em Educação pela PUC Minas. Mestrado em Psicologia Educacional pela Pontifícia Universidade Católica de Chile (2021). Graduação em Psicologia (2012) e Teologia (2022). Diretor da Pastoral- Colégio Santa Cruz. E-mail: edsoncsc@gmail.com

EDUCATING FOR SOLIDARY HUMANISM: UNDERSTANDING THE FOUNDATIONS FOR AN "ALTERNATIVE" TEACHING PRACTICE

Abstract: The Global Educational Pact brings new foundations for Education with a proposal for a New Humanism. Investigating this new perspective, its bases, concepts, and justifications is relevant in the pursuit of an education articulated with integral ecology. "Educating for Solidary Humanism" aims to unveil the unfulfilled promises of the current economic system and its implications for the environment, in which human life is inserted. Thus, this research aimed to investigate a humanistic educational praxis based on the Global Educational Pact and its fundamental concepts. To do so, we used a qualitative approach, employing documentary research with analysis of speeches, homilies, exhortations, and encyclicals produced by Pope Francis from 2013 to 2023, i.e., the first ten years of his papacy. The understanding of praxis, in the educational context, traditionally implies an approach that integrates theory and practice, reflection and action, aiming at the formation of conscious and critical individuals. With Pope Francis, we identified a praxis that, in addition to reflection (mind) and action (hands), inserts feeling, love (heart) as the tripod of a Humanistic Education.

Keywords: global educational pact; humanistic education; educational praxis.

EDUCAR PARA UN HUMANISMO SOLIDARIO: COMPRENDIENDO LOS FUNDAMENTOS PARA UNA "OTRA" PRAXIS DOCENTE

Resumen: El Pacto Educativo Global trae nuevos fundamentos para la Educación con una propuesta de Nuevo Humanismo. Indagar sobre esta nueva perspectiva, sus bases, concepciones y justificaciones es relevante en la búsqueda de una formación articulada con la ecología integral. "Educar para un Humanismo Solidario" se propone desvelar las promesas no cumplidas por el sistema económico vigente y sus implicaciones para el medio ambiente, en el que la vida humana está inserta. Así, esta investigación tuvo como objetivo investigar una praxis educativa humanista a partir del Pacto Educativo Global y de sus conceptos fundamentales. Para ello, recurrimos a un enfoque cualitativo, utilizando la investigación documental con análisis de discursos, homilias, exhortaciones y encíclicas producidas por el Papa Francisco de 2013 a 2023, es decir, en los primeros diez años de su papado. La comprensión de la praxis, en el contexto educativo, tradicionalmente implica un enfoque que integra teoría y práctica, reflexión y acción, con el objetivo de formar individuos conscientes y críticos. Con el Papa Francisco, identificamos una praxis que, además de la reflexión (mente) y la acción (manos), inserta el sentimiento, el amor (corazón) como el trípode de una Educación Humanista.

Palabras clave: pacto educativo global; educación humanista; praxis educativa.

Introdução

O Pacto Educativo Global traz uma proposta de novos fundamentos humanistas para a educação a partir da doutrina social católica. Com a eleição do Cardeal argentino, Jorge Bergoglio, o Papa Francisco, há uma preocupação com os rumos da humanidade; a educação é percebida como uma possibilidade de transformação e, com isso, investe-se em uma nova perspectiva. Como explicam Mota e Santos (2024), há uma convicção por parte de Francisco de que “sem mudar mentalidades toda transformação de estruturas é passageira e que a crise que vivemos hoje tem sua raiz numa crise antropológica”.

De acordo, ainda, com Mota (2022), Francisco olha para a educação a partir de sua experiência como professor que, provavelmente, ajudou a perceber que a educação é o processo que desenvolve a consciência crítica e oferece os recursos intelectuais e sociais para a humanização.

Indagar a respeito dessa perspectiva, suas bases, concepções e justificativas é uma tarefa de pesquisa relevante dentro do quadro em que se discute a o papel da educação, sua qualidade e a busca por uma formação integral e humanista.

Faz-se importante problematizar o papel do(a) da educação dos(as) educadores(as) quando pensamos que os processos educativos possibilitam e potencializam passar do discurso à prática quando temos presentes elementos que proporcionam a práxis.

Introdutoriamente, portanto, vale trazer algumas percepções dessa nova perspectiva que permeia a Educação de Francisco e sua proposta de pacto educativo, uma vez que ela vai além de discursos ingênuos sobre os problemas sociais, voltando-se para a denúncia das causas das crises provocadas por um modelo individualista fundado pelo capitalismo e seus processos desumanizantes.

Nesse sentido, o Educar ao Humanismo Solidário se propõe a desvelar as promessas não cumpridas pelo sistema econômico vigente com suas implicações para o meio ambiente, sem olvidar a importância das questões sociais intrinsecamente vinculadas ao mundo em que vivemos, ou seja, a questão ecológica é indissociável da compreensão em que vivemos juntos na Casa Comum que é o planeta Terra.

Lado outro, a proposta de pacto educativo nos leva ao anúncio de outras possibilidades educativas que promovam a transformação dos sujeitos em prol da humanização e da solidariedade. Toma-se a educação a partir de um compromisso com a

resposta às exigências humanas e, ao mesmo tempo, à sua abertura a uma fraterna convivência. Afirma-se que o processo educativo é autêntico quando consegue preparar as pessoas para se tornarem protagonistas na construção do bem comum e assumir a responsabilidade com o espaço público (Zani, 2021).

Com a díade denúncia/anúncio, o presente artigo busca investigar os possíveis sentidos do Pacto Educativo Global que colaboram para uma práxis educativa humanista. Para tanto, recorreremos à análise de discursos, homilias, exortações e encíclicas produzidas pelo Papa Francisco de 2013 a maio de 2023, ou seja, nos 10 (dez) primeiros anos de seu papado, bem como nos documentos que embasam o Pacto Educativo Global.

Nesse sentido, foram levantados 369 (trezentos e sessenta e nove) documentos que trazem menção à expressão-chave “educa” e, após a leitura de todos os documentos, foram selecionados excertos que proporcionaram o aprofundamento de uma análise de conteúdo que orienta a produção deste artigo.

Buscamos identificar na análise do conteúdo dos documentos as questões envolvendo a proposta de Francisco para a Educação, bem como seus indícios para a formação de educadores(as).

Como referência teórica para o desenvolvimento da presente pesquisa, o Pacto Educativo Global foi articulado com a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire em razão de categorias comuns encontradas, tais como humanização, esperança, diálogo, denúncia/anúncio e utopia.

O que é Educar ao Humanismo Solidário?

As concepções de educação, humanismo e construção de laços solidários merecem, inicialmente, ser segmentadas para uma compreensão de seus fundamentos a fim de serem integradas na tentativa de compreensão do Educar ao Humanismo Solidário.

Merece, então, ser recuperada a compreensão de Humanismo para que, com a adjetivação Solidária, seja percebida a busca por uma outra Educação. Apesar de suas raízes na cultura clássica grega, é importante anotar que é no período renascentista europeu que ganha impulso a compreensão de Humanismo que serve de base para o debate na contemporaneidade. É nesse movimento (Renascimento) que Abbagnano (2005) aponta a emergência dos seguintes enunciados ao humanismo: 1. a descoberta da historicidade do

mundo humano; 2. a descoberta do valor do homem e de sua natureza mundana (natural e histórica); 3. a tolerância religiosa.

“*Conhece-te a ti mesmo!*” Esse seria um dos fundamentos do Humanismo resgatado na reflexão de Francesco Petrarca (1304-1374) na leitura das *Confissões* de Santo Agostinho (Petrarca, 1336, p. 354-430). Petrarca catalisa a evocação do valor humano frente à natureza. O giro humanista e antropocêntrico de Petrarca parte da seguinte passagem: “E gli uomini se ne vanno ad ammirare gli alti monti e i grandi Butti del mare e i larghi letti dei fiumi e l'immensità dell'oceano e il corso delle stelle; e trascurano se stessi”⁵ (Petrarca, 1336).

Trata-se de uma virada na concepção de visão de mundo em que o ser humano passa a tomar a centralidade nas suas relações com a natureza e inicia o processo de distanciamento do respeito às suas forças (da natureza).

De acordo, ainda, com Abbagnano (2005, p. 415)

Quando se dice che l'umanesimo rinascimentale ha scoperto o riscoperto “il valore dell'uomo” s'intende affermare che esso ha riconosciuto il valore dell'uomo come essere terrestre o mondano, inserito nel mondo della natura e della storia e capace di forgiare in esso il proprio destino.

Seu distanciamento do divino e da natureza possibilita a libertação e projeta a capacidade humana de se transformar, transformar a natureza e o próprio mundo. Nesse contexto, tudo o que há passa a se colocar a serviço do ser humano, que agora é o próprio senhor das coisas.

Esse processo é fundamental para uma nova racionalidade antropocêntrica que proporciona o incremento das tecnologias com as revoluções industriais, as mudanças nas relações políticas com o enfraquecimento das monarquias e um novo modo de produção que permite a exploração cada vez mais intensa de todos os recursos, inclusive mantendo-se a justificativa paradoxal da exploração do próprio ser humano pelo ser humano.

É inegável a construção de um novo mundo de direitos em que o homem e, posteriormente, o ser humano é um avanço nos processos de humanização, ou seja, a época anterior em que os sujeitos eram anulados e a vida em sociedade se desenvolvia em castas justificadas por uma fé obscurantista não deixa saudades.

⁵ Tradução livre: Quando se diz que o humanismo renascentista descobriu ou redescobriu “o valor do homem”, entende-se afirmar que ele reconheceu o valor do homem como ser terrestre ou mundano, inserido no mundo da natureza e da história e capaz de forjar nele o próprio destino.

No entanto, as promessas humanistas incorporadas pelo movimento iluminista com os lemas de liberdade, igualdade e fraternidade não foram devidamente cumpridas, sendo que o avanço da ciência promoveu também exclusão e desigualdades.

Seria esse o contexto que nos encontramos com a manutenção das mazelas sociais, uma economia a serviço das coisas e não da humanidade e com a submissão da natureza em prol do consumismo.

A virada humanista de Petrarca não tinha como prever que a rejeição à contemplação da natureza poderia se tornar sua exploração destrutiva. Os processos engendrados na busca por uma nova racionalidade antropocêntrica trouxeram um sistema de permanente crise.

O humanismo antropocêntrico não proporcionou a eleição da vida humana como valor fundamental, ou seja, o humanismo renascentista foi corrompido ao estabelecer o individualismo como fundamento da vida em sociedade. “Conhecer a si mesmo” foi substituído pelo hedonismo (“enriquecer a si mesmo”) que despreza o outro, sendo a indiferença a marca de um movimento de desumanização.

Essa contradição se faz em nome de um humanismo que acaba por resultar no individualismo que não percebe a humanização como um processo comunitário, o que resulta em processos de desumanização ao colocar “poucos homens” no centro da história e como valor a ser defendido.

Na *Evangelii Gaudium*, em seu primeiro ano de papado, o Papa Francisco (2013, p. 48) já advertia que:

[...] neste sistema que tende a fagocitar tudo para aumentar os benefícios, qualquer realidade que seja frágil, como o meio ambiente, fica indefesa face aos interesses do mercado divinizado, transformados em regra absoluta.

Na mesma exortação *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco (2013, p. 45) toca nos processos de desumanização experimentados no cotidiano das sociedades da seguinte forma:

Não é possível que a morte por enregelamento dum idoso sem abrigo não seja notícia, enquanto o é a descida de dois pontos na Bolsa. Isto é exclusão. Não se pode tolerar mais o facto de se lançar comida no lixo, quando há pessoas que passam fome. Isto é desigualdade social. Hoje, tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte, onde o poderoso engole o mais fraco. Em consequência desta situação, grandes massas da população vêem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectivas, num beco sem saída. O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar

fora. Assim teve início a cultura do “descartável”, que aliás chega a ser promovida. Já não se trata simplesmente do fenómeno de exploração e opressão, mas duma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são “explorados”, mas resíduos, “sobras”.

Diante dessa moldura em que se inserem as sociedades contemporâneas, Francisco traz a defesa de uma ecologia integral que não faça a cisão entre ambiente e ser humano, entre a vida humana e a crise climática ou, ainda, entre a economia e a vida no planeta. Em busca de uma ecologia integral, Francisco pondera ao respeito do bem comum como dimensão fundamental em sua Encíclica *Laudato si*.

A ecologia humana é inseparável da noção de bem comum, princípio este que desempenha um papel central e unificador na ética social. É “o conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro, alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição” (Francisco, 2015c, p. 120).

A ecologia integral trata de uma redescoberta do ser humano como valor central que deve ser revisitada e retomada como um novo compromisso humanista, bem como com as relações com a natureza outrora contemplada e agora subjugada.

Esse é o sentido da mensagem de Francisco sobre o contexto atual e que demanda uma qualificação do Humanismo para escaparmos das armadilhas individualistas.

Nesse caminho, ao conjugar a Solidariedade com o Humanismo trazemos a insistência do ser humano como valor que se explicita uma dimensão horizontal para a construção de vínculos sociais enraizados no que consideramos como o imperativo da dignidade humana. Pensar o Humanismo Solidário poderia se traduzir na defesa de um mundo onde caiba todo mundo.

Por isso, ainda na *Evangelii Gaudium* (Francisco, 2013), há a chamada a uma solidariedade desinteressada e a construção de uma economia ética propícia ao ser humano. A solidariedade, então, se traduz no desafio de descobrir e transmitir a “mística” de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade.

A solidariedade é concebida de forma explícita da seguinte forma:

[...] a palavra “solidariedade” significa muito mais do que alguns actos esporádicos de generosidade; supõe a criação duma nova mentalidade que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns.

A solidariedade é uma reacção espontânea de quem reconhece a função social da propriedade e o destino universal dos bens como realidades anteriores à propriedade privada. A posse privada dos bens justifica-se

para cuidar deles e aumentá-los de modo a servirem melhor o bem comum, pelo que a solidariedade deve ser vivida como a decisão de devolver ao pobre o que lhe corresponde. **Estas convicções e práticas de solidariedade, quando se fazem carne**, abrem caminho a outras transformações estruturais e tornam-nas possíveis. Uma mudança nas estruturas, sem se gerar novas convicções e atitudes, fará com que essas mesmas estruturas, mais cedo ou mais tarde, se tornem corruptas, pesadas e ineficazes (Francisco, 2013, p. 150, grifo nosso).

Acentua-se aqui que a solidariedade se faz com práticas transformadoras e cotidianas. Não são momentos, episódios, eventos. Na educação, elas devem ser o chão da sala de aula, o motivo de educar, a partilha amorosa que aceita a diferença e se faz pelo diálogo.

Sedimentadas, preliminarmente, as compreensões do Novo Humanismo e da Solidariedade com ele articulada, passamos a uma concepção de educação que seja tomada como compromisso, isto é, uma educação que assume uma postura na defesa da dignidade humana, pois seu papel é fundamental ao proporcionar uma formação fundada em problematização da realidade e compromissos com a eleição do ser humano como valor central calcado no Humanismo Solidário.

Entretanto, é indispensável se indagar de qual educação estamos vislumbrando. Uma educação onde o sonho do oprimido é ser opressor, como Freire (2005) denunciava na sua *Pedagogia do Oprimido*? Ou uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores, como Francisco (2013) nos propõe na *Evangelii Gaudium*?

Para Francisco (2015a), o “antídoto mais eficaz contra qualquer forma de violência é a educação para a descoberta e a aceitação da diferença como riqueza e fecundidade”.

Nessa mesma compreensão, Francisco (2014d), defende que “a educação não se pode limitar a fornecer um conjunto de conhecimentos técnicos, mas deve favorecer o processo mais complexo do crescimento da pessoa humana na sua totalidade”.

Ora, o percurso educativo, seja formal ou informal, é essencialmente humano e traduz nossa capacidade em legar o conhecimento das coisas e das sociedades humanas. Esse processo é fundamental para se conhecer, nos conhecermos e (re)conhecermos as coisas. Possibilita aprender com o passado, compreender o presente e construirmos o futuro a partir de acertos e erros já vividos.

A Educação não nos dá certezas sobre o futuro, mas proporciona o conhecimento da jornada humana e suas possibilidades com um futuro em aberto. E é por essa abertura que os projetos de presente e futuro disputam o seu lugar, sendo o Educar ao Humanismo Solidário uma possibilidade de construção no presente que se prolongue para o futuro.

Por que educar ao humanismo solidário?

A Educação pode ser o caminho para a esperança de uma sociedade mais humana e solidária. A escola, segundo Francisco (2019b), é um bem de todos, pelo qual se educa para a inclusão, o respeito à diversidade e para a colaboração. Entretanto, a Educação enfrenta muitos desafios oriundos de diversos segmentos da sociedade que impactam diretamente a vida dos indivíduos que estão envolvidos no universo escolar. O rápido avanço das tecnologias digitais é um deles, pois, conforme explica Francisco na mensagem de lançamento do Pacto Educativo Global,

O mundo contemporâneo está em transformação contínua, vendo-se agitado por variadas crises. Vivemos uma mudança epocal: uma metamorfose não só cultural mas também antropológica, que gera novas linguagens e descarta, sem discernimento, os paradigmas recebidos da história. A educação é colocada à prova pela rápida aceleração – a chamada *rapidación* –, que prende a existência no turbilhão da velocidade tecnológica e digital, mudando continuamente os pontos de referência. Neste contexto, perde consistência a própria identidade e desintegra-se a estrutura psicológica perante uma mudança incessante que “contrasta com a lentidão natural da evolução biológica” (Francisco, 2019c).

Isto é, em meio a esse rápido avanço tecnológico e digital que impacta a vida das pessoas, a inconsistência e a instabilidade advindas dessas mudanças, temos um ambiente desafiador para o sistema educacional, requerendo adaptações contínuas para acompanhar o ritmo das atualizações tecnológicas e digitais que são diferentes da evolução biológica, que acontece lentamente.

Francisco faz um alerta para os problemas relacionados ao consumo, a exploração irresponsável dos recursos naturais, critica a tendência de reprimir em vez de educar; e denuncia a criação de espaços de encarceramento como uma forma de "descarte educado", destacando a necessidade de oferecer oportunidades iguais de desenvolvimento para todos os cidadãos:

É mais fácil, e diria até mais cómodo, reprimir do que educar. Negar a injustiça presente na sociedade e criar estes espaços para colocar os

transgressores no esquecimento é mais fácil do que oferecer oportunidades iguais de desenvolvimento a todos os cidadãos. É u.ma forma de descarte, descarte educado, entre aspas (Francisco, 2019a).

Na cultura do descarte, o homem é visto como um produto consumível, podendo ser facilmente descartado, quando não mais produtivo, os marginalizados são considerados sem valor e sem utilidade. Freire (2005) salienta ainda que a desumanização é o resultado de uma “ordem injusta” que gera a violência dos opressores.

Diante desse cenário de violência, das rápidas mudanças tecnológicas e no mundo do trabalho, do consumismo, da exploração do planeta e da desumanização do ser humano, é necessário repensar os pressupostos educativos para proporcionar uma mudança real no corpo social.

A escola não é responsável por todas as adversidades, preconceitos e violências existentes na sociedade. No entanto, é no caminho educativo que se encontram as possibilidades de mudança que faz “amadurecer uma nova solidariedade universal e uma sociedade mais acolhedora” como menciona o Pontífice na *Laudato si* (Congregatio de Institutione Catholica, [2019]).

Dessa forma, o Pacto Educativo Global propõe sete compromissos a fim de se alcançar uma sociedade mais humana e solidária:

1. Colocar a pessoa no centro
Colocar a pessoa no centro de cada processo educativo, realçar a sua especificidade e a sua capacidade de estar relacionado com os outros, contra a cultura do descartável.
2. Ouvir as gerações mais novas
Escutar a voz das crianças, dos adolescentes e jovens para juntos construir um futuro de justiça e de paz, uma vida digna para cada pessoa.
3. Promover a mulher
Favorecer a participação plena das meninas e das jovens na educação.
4. Responsabilizar a família
Ver na família o primeiro e indispensável sujeito educador.
5. Se abrir à acolhida
Educar e educar-nos à acolhida, abrindo-nos aos mais vulneráveis e marginalizados.
6. Renovar a economia e a política
Estudar novas formas de compreender a economia, a política, o crescimento e o progresso, ao serviço do homem e de toda a família humana na perspectiva de uma ecologia integral.
7. Cuidar da casa comum
Cuidar e cultivar a nossa casa comum, protegendo os seus recursos, adotando estilos de vida mais sóbrios e visando energias renováveis e respeitosas do meio ambiente (Congregatio de Institutione Catholica, [2019]).

Assim, Educar ao Humanismo Solidário é colocar as relações humanas em primeiro lugar e se envolver na perspectiva personalista comunitária que se aproxima de uma arquitetura fundante do bem comum alicerçada no diálogo, na igualdade e na justiça social, promovendo esses valores a fim de preparar os indivíduos para serem cidadãos ativos na sociedade e responsáveis quanto às questões do cuidado com o planeta, com a inclusão e com a justiça social.

Educação em Francisco: o Pacto Educativo Global entre a denúncia e o anúncio

Diante da perene realidade desumana de legitimação e fomento das desigualdades sociais, ao descompromisso econômico com a sustentabilidade ambiental e ecológica, a crescente difusão e globalização da indiferença e egolatria, o Papa Francisco convoca a todos para um pacto educativo, em prol da construção e formação de uma sociedade fortemente marcada por valores humanistas. Justamente por conceber a educação como um meio de libertação e transformação do ser humano e este com o potencial de agir e intervir nas lógicas existentes de desvalorização da vida em todas as suas expressões, Francisco insiste na conscientização de todos por meio de processos educativos, em vista do bem comum. Em sua carta encíclica *Laudato si*, Francisco (2015c, p. 163-164) alerta que,

A educação será ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar também por difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza. Caso contrário, continuará a perdurar o modelo consumista, transmitido pelos meios de comunicação social e através dos mecanismos eficazes do mercado.

Enfaticamente, Francisco denuncia as práticas educativas fortemente associadas às lógicas mercantil, seletiva, elitista e descompromissadas com a formação do ser humano em sua multidimensionalidade; e provoca a sociedade para a busca de mudança deste direcionamento educativo, por isso, apresenta a necessidade de uma aliança educativa que valorize e integre a vida humana e o cuidado ético com o planeta terra. Uma aliança formada por atores-chave, como a família, lideranças governamentais e comunitárias, assim como as instituições da sociedade. Pode-se apreender da convocação de Francisco que somente a partir do diálogo e do compromisso corresponsável por uma educação humanista, poder-se-á alcançar a restauração da humanidade diante de realidades emergentes, nos setores ambientais, sociais, econômicos e políticos. Na carta encíclica *Fratelli Tutti*, Francisco (2020b) destaca que:

No mundo atual, esmorecem os sentimentos de pertença à mesma humanidade; e o sonho de construirmos juntos a justiça e a paz parece uma utopia doutros tempos. Vemos como reina uma indiferença acomodada, fria e globalizada, filha duma profunda desilusão que se esconde por detrás desta ilusão enganadora: considerar que podemos ser onipotentes e esquecer que nos encontramos todos no mesmo barco. [...] O isolamento e o fechamento em nós mesmos ou nos próprios interesses nunca serão o caminho para voltar a dar esperança e realizar uma renovação, mas é a proximidade, a cultura do encontro. O isolamento, não; a proximidade, sim. Cultura do confronto, não; cultura do encontro, sim.

Nessa direção, Francisco anuncia uma nova sociedade possível, marcada pela lógica da fraternidade, solidariedade e o desenvolvimento da cultura do encontro. Para isso, convoca a todos para a adesão ao pacto educativo global, enfatizando a necessidade de uma aliança de todos os agentes possíveis de uma prática educativa integral focada na pessoa, na ética do cuidado e na formação para a solidariedade universal. A partir da vivência e difusão de um novo humanismo, Francisco anuncia a emergente necessidade de restauração da humanidade, via a construção de uma sociedade mais acolhedora, integradora da diversidade e fomentadora de esperança em um mundo melhor.

É importante mencionar que a convocação para um pacto educativo global na tentativa de transformação da sociedade revela a drástica realidade em que a humanidade se encontra; e denuncia o ser humano contemporâneo imerso numa lógica desumanizante fomentadora de uma alterofobia e hiperindividualismo desenfreados. Percebe-se que tudo aquilo que é concebido como diferente a si mesmo é visto como perigoso, divergente e hostil, e dentro uma lógica fratricida deve ser eliminado e/ou cancelado. Nesta lógica de não valorização do outro e de sua diversidade, comente-se atitudes e gestos racistas, xenofóbicos, homofóbicos e até mesmo, em últimas consequências a morte e/ou eliminação do outro, por meio de feminicídios e homicídios.

Por essas e tantas outras razões, nota-se o aumento da violência, do ódio, inimizades e afastamento entre as pessoas, realmente, uma globalização da indiferença, como aponta o Papa Francisco em sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (Francisco, 2013, p. 80), “o mundo está dilacerado pelas guerras e a violência, ou ferido por um generalizado individualismo que divide os seres humanos e põe-nos uns contra os outros visando o próprio bem-estar”.

Com a dificuldade em trilhar o caminho do diálogo, vê-se muitas relações serem fragmentadas e rompidas pela existência de diversidade de pensamentos, adesão político-partidária ou mesmo convicção ideológica.

Dentro desse contexto, cresce a quantidade de mensagens discriminatórias e intolerantes nas mídias sociais. Pratica-se o cancelamento daquelas pessoas vistas como oponentes e avessas às próprias ideias. Com isso, o funcionamento dos algoritmos estreita os horizontes de pensamentos e reforçam as bolhas entre pessoas que pensam de maneira semelhante, fomentando assim, atitudes e gestos intolerantes aos demais que pensam a partir de outras perspectivas, aniquilando assim, toda e qualquer possibilidade de relações dialógicas.

Francisco denuncia essa mortal e maléfica globalização da indiferença presente na sociedade contemporânea, que desvaloriza, segrega, sucumbe a vida humana e a do planeta terra e convoca para uma aliança potente de transformação desta realidade. Para isso, enfatiza no pacto educativo global as proposições de colocar a pessoa no centro dos processos educacionais, a abertura e a escuta das gerações mais novas, respeitando e acolhendo os pontos de vista das crianças, adolescentes e jovens envolvidos, legitimando também o protagonismo destes agentes educacionais. A promoção da mulher, numa cultura ainda com resquícios patriarcais e machistas, visa romper com essas lógicas de indiferença a garantia da mesma dignidade e direitos que os homens.

O Pacto Educativo Global (Congregatio de Institutione Catholica, [2019]) também afirma a necessidade de envolvimento da família como meio primário de formação dos sujeitos nos valores e princípios, por isso, a família deve ser considerada e incluída nas instâncias educativas existentes na sociedade. Outro aspecto importante diz respeito à formação para a abertura e acolhida do outro, sobretudo, aos mais necessitados, vulneráveis e marginalizados da sociedade, ou seja, educar para a solidariedade e para a fraternidade.

O pacto defende ainda a renovação da compreensão da economia e da política desde uma perspectiva da ecologia integral, visando uma sustentabilidade e equidade social de um mundo que caiba a todos e não somente alguns que usufruem as maiores riquezas em detrimento da maioria.

Por fim, o pacto (Congregatio de Institutione Catholica, [2019]) destaca o cuidado com a casa comum, chama a atenção para a consciência de que todos estão interligados no sistema vital de sobrevivência, o ser humano e o meio ambiente coexistem e coabitam o

mesmo sistema ecológico. As mudanças climáticas, muitas delas já anunciadas como irreversíveis, revelam a emergente necessidade de mudança na forma de viver, habitar e extrair as fontes de sobrevivência do planeta terra.

A consciência da gravidade da crise cultural e ecológica precisa de traduzir-se em novos hábitos. Muitos estão cientes de que não basta o progresso atual e a mera acumulação de objetos ou prazeres para dar sentido e alegria ao coração humano, mas não se sentem capazes de renunciar àquilo que o mercado lhes oferece. Nos países que deveriam realizar as maiores mudanças nos hábitos de consumo, os jovens têm uma nova sensibilidade ecológica e um espírito generoso, e alguns deles lutam admiravelmente pela defesa do meio ambiente, mas cresceram num contexto de altíssimo consumo e bem-estar que torna difícil a maturação doutros hábitos. Por isso, estamos perante um desafio educativo (Francisco, 2015c, p. 159).

Nesse sentido a educação embasada no novo humanismo ocupa um lugar e papel privilegiado de conscientização e potencial transformação desta inóspita realidade mencionada anteriormente, a partir de processos educativos que transcendam a instrução e o mero acesso à informação a respeito das consequências oriundas dos descuidos ambientais. Além disso, faz-se necessária a conscientização das pessoas para a conversão individual e coletiva no modo de viver e se relacionar com toda a criação, uma formação cidadã ecológica. É uma questão de sobrevivência, difundir a busca por uma nova mentalidade existencial, a qual considere uma consciência ecológica e integral do ser humano. O Pacto Educativo Global se coloca como potente meio conscientizador, transformador e humanizador da sociedade, uma vez, que propõe-se a combater e romper com a lógica do individualismo e da globalização da indiferença, abrindo-se a lógica da corresponsabilidade pelo cultivo da fraternidade e da solidariedade universal.

Educar para o Humanismo Solidário e seu esperar

O Educar ao Humanismo Solidário, ao colocar a pessoa no centro, reconhecendo sua dignidade e potencial, provoca-nos a pensar o óbvio que é termos o ser humano em sua dignidade como valor-fim dos processos educativos. Isso se coaduna com uma formação integral dos indivíduos, incluindo aspectos emocionais, sociais e éticos.

A educação para o humanismo solidário também alimenta a esperança em um mundo melhor, ou ainda, em um outro mundo que caiba todo mundo. É uma abordagem que inspira esperança ao demonstrar que, através da participação no meio social e da

solidariedade, podemos construir um futuro mais promissor para as gerações presentes e futuras.

De acordo com Francisco (2014a),

É isto que eu queria dizer e compartilhar. Em primeiro lugar, como estrutura educativa, é preciso transmitir conteúdos, comportamentos e sentido dos valores. Em segundo lugar, a utopia do jovem; é necessário relacioná-la e harmonizá-la com a memória e o discernimento. Em terceiro lugar, a cultura do descartável como um dos fenômenos mais graves de que sofre a nossa juventude, principalmente devido ao uso que a droga pode fazer e faz desta juventude, para a destruir. Estamos a descartar os nossos jovens! E qual é o futuro? Uma obrigação: a tradição fidei é inclusive *traditio spei*, e temos o dever de a transmitir! A última interrogação que gostaria de vos deixar é a seguinte: quando a utopia decai no desencanto, qual é a nossa contribuição? Hoje em dia, a utopia dos jovens entusiastas está a decair no desencanto. Jovens desencantados, aos quais é preciso dar fé e esperança!

Sendo assim, a educação para o humanismo solidário se insere numa perspectiva utópica e transformadora na exigência de uma formação comprometida com valores e atitudes que contribuam para a construção de uma sociedade mais justa e solidária. É um chamado para a ação, para que cada educador e educando assumam o compromisso de fazer do mundo um lugar melhor para todos.

Podemos articular essa posição com a apresentada por Freire (1992), na *Pedagogia da Esperança*, quando ressalta que a esperança não deve ser vista como um sentimento passivo, mas sim como uma força ativa que impulsiona a ação e a busca pela transformação social. Ele enfatiza que, mesmo nos momentos de crise e opressão, é fundamental manter viva a esperança, pois é ela que nos impulsiona a buscar e lutar por um futuro melhor (Freire, 1992). Assim, a esperança faz parte da experiência ontológica de cada indivíduo, sendo tão essencial quanto o ar que respiramos (Freire, 1992). A esperança é mais do que um sentimento individual; é uma força coletiva que impulsiona a luta pela transformação social (Freire, 1992). Freire (1992) destaca que é na busca ativa e na luta pela concretização de nossos ideais que a esperança se torna uma realidade histórica.

A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança. A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é o aborto deste ímpeto. A esperança é um condicionamento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo. Só há história onde há tempo problematizado e não pré-datado. A inexorabilidade do futuro é negação da História (Freire, 1996, p. 80-81).

Além disso, é enfatizado por Freire que a esperança não pode ser dissociada da prática educativa. Ele argumenta que uma educação verdadeiramente libertadora e autônoma deve ser permeada pela pedagogia da esperança (Freire, 1992).

A abordagem educativa alinhada ao humanismo solidário busca não apenas transmitir conhecimentos, mas também cultivar nos alunos a esperança de um futuro melhor e o compromisso de contribuir para sua realização. Freire (1992) nos lembra que a pedagogia do oprimido é, em si, uma pedagogia da esperança, reforçando a ideia de que a esperança é essencial para uma educação verdadeiramente libertadora e emancipatória.

O Papa Francisco (2020c) defende que a esperança seja como uma âncora sólida e confiável, que oferece sustentação mesmo diante das adversidades da vida, pode ser relacionada diretamente com a importância da educação para promover um humanismo solidário em um mundo diverso e globalizado. A globalização da esperança é a missão específica da educação para o humanismo solidário.

Essa missão é primariamente desenvolvida pela educação, pois, como afirmado por Francisco (2013), “a educação é fazer nascer, é fazer crescer, coloca-se na dinâmica do dar a vida. E a vida que nasce é a fonte mais borbulhante de esperança”.

Assemelhando-se à âncora que fornece estabilidade e segurança em meio às tempestades, a educação para o humanismo solidário oferece um alicerce sólido para enfrentar os desafios da convivência intercultural e da diversidade. Da mesma forma que o Papa Francisco (2020c) enfatiza a importância de manter essa âncora firme, reconhecendo-a como fonte de esperança que não se desilude, a educação para o humanismo solidário destaca a necessidade de preparar as pessoas para o diálogo e para a acolhida da diversidade.

A ligação entre o esperar de Paulo Freire com a perspectiva de uma esperança que impulsiona a ação e a ancoragem na esperança potencializam um Educar ao Humanismo Solidário que se move pela ação, ou seja, por uma práxis educativa transformadora com alicerces sólidos e um horizonte de partilha. A esperança inspira a ação e proporciona um novo horizonte para a emancipação individual e coletiva.

Por uma “outra” práxis educativa

Ao estabelecermos a âncora na esperança, vislumbramos os processos educativos como promotores da transformação. E, na perspectiva do esperar, esses processos estão

“prenhes” de ações transformadoras. Assim, sem abdicar dos conhecimentos, competências e habilidades, o saber-fazer não se resume à apreensão de técnicas de inserção no mundo, mas de compreensão dos significados de nossas ações no mundo.

A esperança articulada à práxis se reveste de uma opção por ações educativas humanistas e solidárias, não sendo um conjunto de reflexões sobre expectativas em relação ao mundo, mas, e muito mais, ações que buscam concretizar as reflexões e impulsionam outras ações.

Por isso, o conceito de práxis que move a ação é central quando pensamos em processos educativos que são testemunho da Palavra e não pura “palavreria” como denuncia Freire (2005) na Pedagogia do Oprimido.

Como Freire (2005) nos ensina na Pedagogia do Oprimido, a práxis se faz na reflexão com a pronúncia da Palavra, de uma palavra autêntica, verdadeira e vivida. No entanto, a Palavra, momento da expressão da reflexão, sem a ação, se esvazia e se torna uma palavra oca. Para a constituição da práxis, a ação não pode sacrificar a reflexão, pois nega a práxis e se torna um ativismo reprodutor, pois ausente o elemento humanizador e transformador.

Compreendemos, com Adolfo Sanchez Vázquez (1977), que a práxis tem o seu desenvolvimento na ação diante do real, isto é, com uma ação que se constitui em processo voltado para fins conscientes que expandem a compreensão da realidade e potencializa a ação. A práxis educativa comprometida com o humanismo solidário se faz atividade real a partir das intencionalidades humanas e não se pode deixar enganar por processos técnicos que se dizem neutros. Este é um ponto central para do Educar ao Humanismo Solidário quando defendemos que o educador é o sujeito da práxis.

Quando Francisco (2014b) afirma que ama a escola, alerta que a “educação não pode ser neutra. Ou é positiva ou é negativa; ou enriquece ou empobrece; ou faz crescer a pessoa ou a deprime, pode até corrompê-la”. Com isso evidencia que, na defesa da escola e da educação, é necessário se afastar da ingenuidade da neutralidade da ação educativa.

Se tomarmos a educação como um ato de amor (Freire, 1999) ou um gesto de amor (Francisco, 2014c), seria indispensável pensarmos que o amor é exigente e não demanda somente palavras, mas ações.

E o amor é exigente, requer que utilizemos os melhores recursos, que despertemos a paixão e que nos coloquemos a caminho com paciência, juntamente com os jovens. Nas escolas católicas, o educador deve ser antes de tudo muito competente, qualificado e, ao mesmo tempo, rico de humanidade, capaz de permanecer no meio dos jovens com um estilo

pedagógico, para promover o seu crescimento humano e espiritual. Os jovens têm necessidade de qualidade do ensino e igualmente de valores, não apenas enunciados, mas testemunhados. A coerência é um factor indispensável na educação dos jovens. Coerência! Não se consegue fazer crescer, não se pode educar, sem coerência: coerência e testemunho. Por isso, o próprio educador tem necessidade de uma formação permanente. Portanto, é preciso investir a fim de que professores e dirigentes possam manter alto o seu profissionalismo e também a sua fé e a força das suas motivações espirituais (Francisco, 2014c).

Nesse caminho, é introduzido na práxis um novo elemento que envolve a espiritualidade, a afetividade e a emoção, qual seja, o amor. Elemento irracional desprezado por movimentos racionalistas, sejam eles de natureza liberal-burguesa, sejam eles materialistas-dialéticos, o amor junto com a razão nos move para a ação, para a transformação e para solidariedade.

Educa-se para conhecer muitas coisas, ou seja, muitos conteúdos importantes, para ter determinados hábitos e até para assumir os valores. E isto é muito importante. Desejo a todos vós, pais, professores, pessoas que trabalham na escola, estudantes, um caminho agradável na escola, uma via que faça crescer as três línguas, que uma pessoa madura deve saber falar: a língua da mente, a língua do coração e a língua das mãos. Mas harmoniosamente, isto é, pensar o que se sente e o que se faz; sentir bem o que se pensa e o que se faz; e fazer bem o que se pensa e o que se sente. As três línguas, harmoniosas e juntas! (Francisco, 2014b).

Para enfatizar a práxis educativa ao humanismo solidário, vale reforçar outro pronunciamento de Francisco (2015b) com suas três indissociáveis linguagens:

Há três linguagens: da mente, do coração e das mãos. A educação deve mover-se nestes três caminhos. Ensinar a pensar, ajudar a ouvir bem e acompanhar no fazer, ou seja, que as três linguagens estejam em harmonia; que a criança, o jovem, pense aquilo que sente e faz, sintam aquilo que pensa e faz, e faça aquilo que pensa e sente. E deste modo, a educação torna-se inclusiva porque todos têm um lugar; inclusiva também humanamente.

Esse seria um caminho para uma outra práxis educativa que vai além da reflexão-ação-reflexão, pois integra a emoção, o sentimento, a fé no “ser mais” e na transformação humana. Desmonta a hierarquia não só entre o pensar e o fazer, mas também entre o pensar-fazer e o sentir. Como seres integrais, o que nos move está intimamente fundado no sentir que merece ter espaço na ação educativa quando vislumbramos a construção de um mundo fundado no amor.

Considerações finais

O Pacto Educativo Global, ao propor novos fundamentos para a Educação a partir da concepção de um Novo Humanismo, renova o quadro de referência libertador e emancipatório com sua crítica ao individualismo capitalista que submete a natureza e os próprios seres humanos a interesses desumanizantes. Ciente de que a educação não pode tudo, como ensina Freire (1996), mas sem ela fica muito difícil a transformação, a Igreja Católica, a partir do Papa Francisco, investe na construção de processos dialógicos e esperançosos de transformação.

Ao nos voltarmos para as questões conceituais no estudo da proposta da Igreja Católica para a educação, é necessário sempre ficar atento à concepção de humanismo e as possibilidades e significados de um Novo Humanismo. Desta forma, é possível compreender que devemos ir além da compreensão de si mesmo para um “retorno” às nossas relações com a natureza, com os outros seres humanos ou não e com as forças espirituais que fortalecem nossos laços de afeto, amizade, solidariedade e amor.

Nessa busca pela compreensão do Pacto Educativo Global e a necessidade de repensar os processos educativos, temos que a decomposição da fundamentação do que seja humanismo e solidariedade se tornam fundamentais para não cairmos na tentação de *slogans* vazios que pouco provocam mudanças em processos educativos. Já a concepção de educação acaba por tomar o lugar central no desenvolvimento da pesquisa tanto por ser a palavra-chave adjetivada pelo humanismo e pela solidariedade, quanto pelo conteúdo que os documentos papais expressam na compreensão do que seja educar. Esse é um educar que faz opções explícitas no que tange à construção de um outro mundo e rejeita o individualismo, consumismo e a neutralidade. Com isso para Educar ao Humanismo Solidário se faz necessário desvelar as intencionalidades da ação educativa.

Essa teleologia da ação educativa se encontra ancorada na esperança no Educar ao Humanismo Solidário e é essa esperança, essa utopia, que nos move para a ação. Com essa articulação, esperança-ação, ou seja, no esperar freireano, investimos na práxis educativa como categoria articuladora dos fundamentos humanistas com uma ação transformadora. A compreensão da práxis, no contexto educacional, tradicionalmente, implica em uma abordagem que integra teoria e prática, reflexão e ação, visando à formação de indivíduos conscientes e críticos. Com Francisco (2020a), identificamos uma “outra” práxis que, além da reflexão (mente) e ação (mãos), insere o sentimento, o amor (coração) como tripé de uma Educação Humanista. Em suas palavras, “[...] que pense no

que sente e no que faz, que sinta o que pensa e o que faz, e que faça o que sente e o que pensa”.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Storia della filosofia: pensiero medievale e rinascimentale: dal misticismo a bacone*. Roma: Gruppo Editoriale L'Espresso, 2005. v. 2.

CONGREGATIO DE INSTITUTIONE CATHOLICA. Pacto educativo global: vademecum. Roma: Congregatio de Institutione Catholica, [2019]. Disponível em: <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/vademecum-portuges.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Discurso do Papa Francisco à plenária da pontifícia comissão para a América Latina*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2014a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/february/documents/papa-francesco_20140228_pontificia-commissione-america-latina.html. Acesso em: 15 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Discurso do Papa Francisco aos estudantes e professores das escolas italianas*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2014b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140510_mondo-della-scuola.html. Acesso em: 17 nov. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Discurso do Papa Francisco aos participantes do encontro promovido pelo pontifício instituto de estudos árabes e islâmicos*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/january/documents/papa-francesco_20150124_pisai.html. Acesso em: 10 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Discurso do Papa Francisco aos participantes na plenária da congregação para a educação católica*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2014c. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/february/documents/papa-francesco_20140213_congregazione-educazione-cattolica.html. Acesso em: 17 nov. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Discurso do Papa Francisco aos participantes no congresso mundial promovido pela congregação para a educação católica com o tema “educar hoje e amanhã: uma paixão que se renova”*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151121_congresso-educazione-cattolica.html. Acesso em: 17 nov. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Discurso do Papa Francisco aos participantes no seminário sobre o tema "Education: The Global Compact" promovido pela Pontifícia Academia das Ciências Sociais*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020a. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/february/documents/papa-francesco_20200207_education-globalcompact.html. Acesso em: 10 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Discurso do Papa Francisco os participantes no Encontro Internacional para os responsáveis regionais e nacionais da Pastoral Carcerária*.

Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2019a. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/november/documents/papa-francesco_20191108_pastorale-carceraria.html. Acesso em: 10 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Discurso do Santo Padre ao Parlamento Europeu*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2014d. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141125_strasburgo-parlamento-europeo.html. Acesso em: 17 out. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Encontro do Papa Francisco com os estudantes da escola "Visconti" de Roma por ocasião do Jubileu Aloisiano*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2019b.

Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/april/documents/papa-francesco_20190413_studenti-visconti.html. Acesso em: 10 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013. (Exortação Apostólica). Disponível em:

https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_po.pdf. Acesso em: 20 fev. 2024.

FRANCISCO, Papa. *Fratelli tutti*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020b. (Letra Encíclica). Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/it/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 10 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Laudato si*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015c. (Carta Encíclica). Disponível em:

https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf. Acesso em: 20 fev. 2024.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem do Papa Francisco para o lançamento do Pacto Educativo*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2019c. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html. Acesso em: 10 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. Papa: a esperança cristã é uma âncora que dá sentido à vida. *Vatican News*, Vaticano, 2 nov. 2020c. Disponível em:

<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-11/papa-francisco-finados-esperanca-crista-ancora.html#:~:text=%E2%80%9CA%20esperan%C3%A7a%20nos%20atrai%20e,%C3%A0%20corda%2C%20nos%20sustentamos.%E2%80%9D>. Acesso em: 20 set. 2023.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MOTA, Guadalupe Côrrea. Pedagogia da vida: hermenêutica para um pacto educativo. *@arquivo Brasileiro de Educação*, Belo Horizonte, v. 10, n. 19, p. 324-343, dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2318-7344.2022v10n19p324-343>.

MOTA, Guadalupe Corrêa; SANTOS, Carolina Mureb. pacto educativo global: uma síntese das prioridades pastorais do Papa Francisco: uma reflexão ético-pedagógica sobre os 7 compromissos do pacto educativo global. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, ano 32, n. 107, jan./abr. 2024. DOI 10.23925/rct.i107.63704.

PETRARCA, Francesco. Familiares. Malaucena: Associazione Storico-culturale S. Agostino, 1336. (Lettera, v. 4, n. 1). Disponível em: http://www.cassiciaco.it/navigazione/scriptorium/testi%20medioevo/petrarca/familiars/lettera_IV_1.html. Acesso em: 3 fev. 2024.

VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. *Filosofia da práxis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

ZANI, Angelo Vincenzo. Educazione tra crisi e speranza: linee-guida per il patto educativo globale. In: ZANI, Angelo Vincenzo (org.). *Educazione tra crisi e speranza: linee-guida per il patto educativo globale*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2021.

Agradecimentos: Ao CNPq e ao Fundo de Incentivo à Pesquisa da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (FIP/PROPPG/PUC Minas) pelo auxílio financeiro. FIP-2023/28925-1S.

Recebido em: 8 de agosto 2024

Aceite em: 19 de setembro 2024